

**APLICATIVOS PARA SMARTPHONES E CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA:
NOTAS SOBRE OS CAMPOS DE POSSIBILIDADES NAS PRÁTICAS COTIDIANAS
DE COMUNICAÇÃO E CONSUMO EM REDE¹**

**SMARTPHONE APPS AND IDENTITARY CONSTITUTION:
NOTES ABOUT FIELDS OF POSSIBILITIES AND QUOTIDIAN PRACTICES OF
NETWORK-BASED COMMUNICATION AND CONSUMPTION**

Rodrigo Scherrer²

Resumo

O artigo discute a relação entre possibilidades de uso de aplicativos para *smartphones* e a constituição identitária no mundo contemporâneo. Os *smartphones* e suas funcionalidades são discutidos a partir de uma perspectiva histórica, enquanto os aplicativos são tomados como campos de possibilidades (Velho, 1999, 2003) para a constituição identitária, discutida a partir de Woodward (1999). Para explicitar pontos de articulação, são analisadas as narrativas de episódio do seriado “Marlon” sobre usos do Uber. Os resultados sugerem que o uso dos aplicativos promove convocações específicas às identidades e abrem campos de possibilidades para a formulação de narrativas de vida.

Palavras-chave: Comunicação e consumo. Identidades. Aplicativos para Smartphone. Uber.

Abstract

The article discusses the relationship between smartphone applications possibilities of usage and the identity constitution in the contemporary world. Smartphones and their functionalities are discussed from a historical perspective, while the applications are taken as fields of possibilities (Velho, 1999, 2003) for the identity constitution, process which is discussed from Woodward (1999). To explain points of articulation, we analyze the narratives of an episode of the series "Marlon" about uses of Uber. The results suggest that the use of the applications promotes specific calls to the identities and open fields of possibilities for the formulation of life narratives.

Keywords: Communication and consumption. Identities. Smartphone applications. Uber.

Celulares, smartphones e a comunicação em movimento

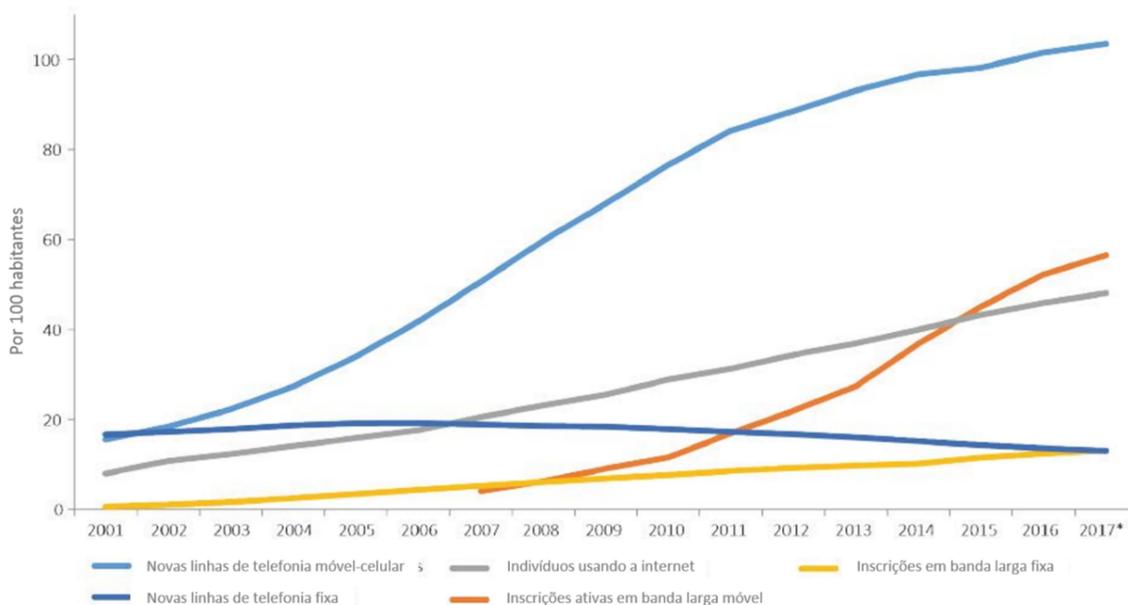
Os aparelhos de telefonia móvel são hoje parte do cotidiano de grande parte dos centros urbanos ao redor do mundo. Em uma caminhada pelas ruas da cidade, chega a ser tarefa difícil não avistar alguém parado ou andando com olhos vidrados em uma tela multicolorida de tamanhos variados, a realizar uma variedade de tarefas. Os telefones móveis vêm penetrando em locais e populações que nenhum analista poderia esperar dez anos atrás, com destaque para as taxas de adoção e uso em países em desenvolvimento (Donner, 2017).

¹Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho 8 (Redes de comunicação), do VI ComCult, Universidade Paulista, Campus Paraíso, São Paulo – Brasil, 08 a 09 de novembro de 2018.

² Doutorando no PPGCOM-ESPM. E-mail: rodrigoscarrer@gmail.com.

O caminho da popularização dos aparelhos de telefonia móvel começa em 1979, quando os primeiros celulares são postos à disposição para consumo, sendo que nos primeiros 25 anos seu uso compreendia primariamente as ligações de voz (de Souza e Silva, 2013). No início dos anos 2000, porém, observa-se uma mudança nos padrões de uso, como mostra o gráfico 1:

Gráfico 1 – Desenvolvimentos globais em Tecnologias da Comunicação e Informação entre os anos de 2001 e 2017



Fonte: ITU (2017, p. 3). Tradução livre do autor³.

O gráfico mostra alguns padrões, como um aumento significativo no número de novas linhas de celular em uso ao redor do mundo, enquanto as contratações de novas linhas de telefone fixo declinam. A partir de 2007, sobretudo, aumentam as inscrições em serviços de banda larga móvel, sendo que a banda larga fixa também tem uma alta, porém bem mais tímida. No período representado, é patente o crescimento no número de usuários da internet.

A alta no número de celulares circulantes e no acesso à internet por parte da população entre o início e meados da primeira década dos anos 2000 pode estar ligado ao lançamento para consumo dos chamado *smartphones*. “Telefones inteligentes”, em tradução livre do

³ Legendas originais e sua tradução no gráfico: “Por 100 habitantes” – “Per 100 inhabitants”; “Novas linhas de telefonia móvel-celular” – “Mobile-cellular telephone subscriptions”; “Indivíduos usando a internet” – “Individuals using the Internet”; “Inscrições em banda larga fixa” – “Fixed-broadband subscriptions”; “Novas linhas de telefonia fixa” – “Fixed-telephone subscriptions”; “Inscrições ativas em banda larga móvel” – “Active mobile-broadband subscriptions”.

inglês, os *smartphones* se diferenciam dos celulares comuns por suas capacidades avançadas, ao possuir condições de processamento semelhantes a um computador. Além disso, os *smartphones* podem ter suas funcionalidades expandidas por meio de aplicativos, *softwares* desenvolvidos por terceiros e que ficam disponíveis em um repositório, acessível pela internet (Theoharidou, Mylonas, Gritzalis, 2012). Contando com essas funcionalidades, os *smartphones*, apesar de manter as funcionalidades características de um celular, mais se aproximam de microcomputadores, tendo como diferença crucial o tamanho reduzido o suficiente para ser carregado no bolso, o que lhe confere portabilidade.

Celulares e *smartphones*: características e relações com a sociabilidade

Os *smartphones* exercem fascínio em seus usuários, conforme o relato de Agar:

Eu estava em “constante contato” com meu velho telefone Nokia, no sentido de que onde eu estivesse eu poderia falar com meus amigos, parentes ou colegas. Mas o “contato constante” do Iphone é algo a mais: ele absorve minha atenção e, mesmo quando isso não acontece, eu inconscientemente procuro o peso suave e familiar. Meus dedos, olhos e mente estão absortos. E eu não estou sozinho – já estive em vagões de trem lotados em que cada passageiro comungava com seu smartphone. Cada um em uma bolha privada de constante contato. (Agar, 2013, pp. 155-156)⁴

O relato resume uma prática cotidiana observável em diferentes locais, como o transporte público citado pelo autor: a da absorção dos usuários pelas funcionalidades dos *smartphones*. Não por acaso, os primeiros estudos sobre como a crescente popularidade da conectividade móvel trazida pelos celulares aponta três características associadas constantemente aos seus usos: a ubiquidade, uma consequência da portabilidade do dispositivo que permite a seus usuários contatar e ser contactado por outras pessoas, independentemente onde vá (Levinson, 2007); o encurtamento de distâncias que o aparelho permite entre pessoas geograficamente distantes (de Souza e Silva, 2013), o que não é novidade entre os meios de comunicação, mas a própria ubiquidade permite esse contato em circunstâncias diversas, sem a necessidade dos fios; e uma certa desconexão (condenada por estudos iniciais) dos usuários em relação ao ambiente local, ao dar maior importância a quem está “fisicamente ausente” (de Souza e Silva, 2013; Levinson, 2007). De acordo com esses argumentos, os celulares seriam capazes de “libertar” indivíduos dos lugares e localizações (de Souza e Silva, 2013).

⁴ Tradução própria. Trecho original: “I was in 'constant touch' with my old Nokia phone in the sense that wherever I was I could talk to my friends, relatives and colleagues. But the 'constant touch' of the iPhone is something more: it absorbs my attention and even when it doesn't I find that I unconsciously reach for the familiar smooth weight. My fingers, eyes and mind are absorbed. And I am not alone - I have been in full train carriages where every passenger was communing with his or her smartphone. Each in a private bubble of constant touch.”

Para além da dicotomia inicial entre encurtamento geográfico e desconexão em relação à localidade, estudos posteriores buscam aprofundar as compreensões sobre um aspecto importante dos telefones celulares: a capacidade de localizar seus usuários em um tempo e um espaço. Essa percepção inicial, que parte de pequenas empresas startup, artistas e laboratórios de pesquisa, desvela a capacidade do aparelho de reforçar as relações entre indivíduos e o ambiente circundante (de Souza e Silva, 2013). Tal funcionalidade é potencializada pela remoção da degradação do sinal de Global Positioning System (GPS) em 2000 pelo governo norte-americano, eliminando assim a “disponibilidade seletiva” (que, em linhas gerais, afetava a precisão de localização de dispositivos), implantada intencionalmente por questões de segurança nacional. A decisão permitiu o acesso à alta precisão para usos civis e comerciais, o que foi aprofundado com a aquisição, também por parte do governo norte-americano, uma nova geração de satélites para a constelação GPS, projeto denominado GPS III, melhorando a qualidade do serviço (GPS.GOV, 2018).

Os recursos técnicos dos telefones celulares, como a capacidade de geolocalização, processamento computacional dentre outros, dependem de programas que os mobilizem, os *softwares* de que falam Theoharidou, Mylonas, Gritzalis (2012). Denominados aplicativos ou simplesmente “apps” (do inglês “application”), eles dão função às condições técnicas disponíveis em cada aparelho. Os aplicativos possuem finalidades variadas e crescem em número diariamente, já que podem ser produzidos virtualmente por qualquer pessoa que possua conhecimentos de programação computacional para tal. São tantas as funcionalidades que listá-las seria tarefa impossível, já que não estão circunscritas em um conjunto finito, mas na vastidão da imaginação humana na interação com os objetos e suas significações culturais.

Como estão disponíveis em repositórios acessíveis por meio da internet nos próprios *smartphones*, os aplicativos instalados conferem aos *smartphones* características pessoais de seus usuários. O conjunto de *softwares* em funcionamento são um retrato das funcionalidades que interessam a um indivíduo/usuário em específico, o que confere aos *smartphones* traços do modo de vida associado àquele que o possui. São, portanto, dispositivos pessoais e personalizáveis, no sentido de que podem ser modificados conforme os interesses e conhecimentos dos usuários. Tais proveitos, no entanto, não são individuais, mas se inserem em uma lógica cultural de consumo, em que as significações acerca dos aplicativos são produzidas e compartilhadas por um ou mais grupos de indivíduos. Indo além, algumas funcionalidades, para plena utilização, dependem da adoção sistemática por uma série de

indivíduos: é o caso dos aplicativos de transporte, que dependem de passageiros e motoristas conectados ao aplicativo em questão.

Os aplicativos podem ser compreendidos como terminais instalados nos *smartphones*, que acessam as reais aplicações em servidores conectados à internet. Isso significa dizer que, ao se enviar uma mensagem instantânea, por exemplo, o conteúdo “viaja” até um computador e de lá é direcionado ao(s) destinatário(s). Por outro lado, como os aplicativos podem conectar os indivíduos ao ambiente em que estão inseridos e àquilo que dele faz parte (informações anotadas por outros usuários ou outras classificações disponíveis), são também uma interface entre o usuário e seu habitat, ativando assim mediações programadas de acordo com o *software* em específico (Bratton, 2014).

As questões das mediações técnicas referentes às funcionalidades disponibilizadas por cada aplicativo, em conjunto com o acesso constante à internet em espaços públicos e a possibilidade da geolocalização com o uso do sistema GPS, permitem que os *smartphones* transgridam a barreira conceitual entre realidade/ciberespaço (de Souza e Silva, 2006). A partir dessa percepção, que está associada tanto à microcoordenação (Akker, 2015; de Souza e Silva, 2013) quanto ao contato com comunidades em larga escala, que não estão necessariamente no mesmo local que o usuário e seu *smartphone*, surge a perspectiva de espaços híbridos,

[...] espaços móveis, criados pelo constante movimento de usuários que carregam dispositivos portáteis continuamente conectados à internet e a outros usuários. [...] A possibilidade de uma conectividade “sempre ativa” quando uma pessoa se move pela cidade transforma nossa experiência de espaço pelo envolvimento de contextos remotos ao contexto presente. Essa conexão está associada tanto com as interações sociais quanto às conexões ao espaço informacional, ou seja, a internet⁵. (de Souza e Silva, 2006, p. 262)

A perspectiva de espaços híbridos dá conta do fato de que, ao mesmo tempo em que os usuários estão conectados à internet, também continuam ligados aos espaços locais, em uma mistura de ambiências e informações que compõem uma perspectiva específica de realidade. Um exemplo é o aplicativo Foursquare, que permite aos usuários criar e anexar a locais públicos conhecimentos, informações e comentários, ou seja, mediando o contato de outros

⁵ Tradução própria. Trecho original: “[...] mobile spaces, created by the constant movement of users who carry portable devices continuously connected to the Internet and to other users. A hybrid space is conceptually different from what has been termed mixed reality, augmented reality, augmented virtuality, or virtual reality, as discussed later in this article. The possibility of an “always-on” connection when one moves through a city transforms our experience of space by enfolding remote contexts inside the present context. This connection is related both to social interactions and to connections to the information space, that is, the Internet.”

usuários com um ponto da cidade, por exemplo (Akker, 2015). Essas informações tornam-se parte intrínseca da localização e têm, portanto, duas funções: influenciar os padrões de locomoção de indivíduos pela cidade e alterar as características daquela localização (de Souza e Silva, 2013).

Os *smartphones* são tratados aqui, portanto, como aparelhos que crescem em popularidade em todo o mundo, o que indica que possuem uma conexão com amplos panoramas culturais em uma condição de globalização. Essa conexão com culturas diversas é exemplificada pela cena narrada por Agar (2013), que se repete em diferentes locais do mundo de formas semelhantes. Suas funcionalidades possuem reflexos nas condições de sociabilidade a partir dos usos dados a características técnicas: a ubiquidade e a possibilidade de imersão em ambientes híbridos, com o uso da internet a partir das estruturas fornecidas pelos aplicativos.

Consumo e identidades: possibilidades (quase) abertas

Na contemporaneidade, marcada pela acumulação flexível do capital, o avanço tecnológico, a expansão das mídias e da importância dada à publicidade, temos um novo tipo de sujeito: predominantemente individualista e inseguro (Baccega, 2009). Em um cenário como esse, discutir as identidades torna-se uma tarefa particularmente complexa, a começar pelo próprio termo, tomado como *sob rasura*: não dialeticamente superado, o conceito de identidade continua a ser utilizado para pensar as inserções do sujeito em ambientes sociais contemporâneos, porém de forma destotalizada e desconstruída, para abarcar questões hodiernas e não prevista nos contextos em que originalmente foi gerado (Hall, 2000).

Para discutir as identidades, utilizaremos como ponto de partida um texto de Woodward (1999), que reúne discussões a respeito de aspectos variados que se inter-relacionam à temática da identidade, com ênfase em seus aspectos sociais. No percurso proposto para o escrito, a autora busca responder a quatro questões: “por que o conceito de identidade é importante?”; “existe uma crise de identidade?”; “como a diferença é marcada em relação à identidade?”; e “por que investimos nas identidades?”. Seguiremos esse mesmo caminho para pontuar questões a respeito da relação entre identidades e o consumo de aplicativos para *smartphones*.

Ao falar da importância do conceito de identidade, Woodward (1999) se propõe a analisar as preocupações contemporâneas com as identidades em diferentes níveis. Trata primeiramente de duas categorias importantes para a concepção de identidades, essencialismo

e não-essencialismo. Para Dubar (2009), a dicotomia é fundadora de dois tipos de posição acerca das identidades, essencialista e nominalista. Pensar as identidades a partir de suas essências significa confiar em substâncias imutáveis e originais (Dubar, 2009), muitas vezes referentes a aspectos biológicos ou naturais (Woodward, 1999). A visão não-essencialista compreende a concepção de que não há algo fixo nas identidades, estando sempre suscetíveis à mudança, conforme a época considerada e o ponto de vista adotado (Dubar, 2009), ou seja, uma visão discursiva sobre a identidade (Hall, 2000).

Como forma de contornar o binarismo, Woodward (1999) busca inserir as identidades no circuito da cultura, a partir das representações e das produções de sentido que estas carregam: “a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito” (Woodward, 1999, p. 17). A representação está associada às posições identitárias possíveis, dado que possui caráter cultural, ou seja, se baseia em sistemas simbólicos razoavelmente compartilhados pelos membros de uma coletividade. As práticas de identificação, processo em que nos identificamos com os outros em um processo de construção do Eu a partir dos sistemas simbólicos a que temos acesso, são perpassadas por questões de poder, na delimitação de quem pode e quem não pode assumir determinada posição identitária, por exemplo (Woodward, 1999).

A segunda questão proposta, a respeito de uma crise das identidades, é explorada a partir de alguns eixos: a história como elemento estruturante das identidades; as mudanças sociais em escala global, com efeito nos contextos locais e aos processos de constituição identitária; e “os novos movimentos sociais” e as condições de sujeito contemporâneas. Sobre a questão histórica, a autora a posiciona enquanto campo de disputa política, em sua função de legitimadora. Nesse sentido, a história é materializada por meio de discursos, utilizados na constituição das identidades – mesmo que essas histórias sejam imaginadas. Os discursos frequentemente se referem a essências e contingências que sustentam as identidades, que são convocadas a partir de representações coletivamente construídas.

Woodward (1999) associa as crises de identidade globais a um colapso de processos históricos que aparentemente sustentavam certas identidades. Ao invés de uma centralidade determinada, a sociedade global atual se estrutura conforme um sem-número de “centros”, em uma pluralidade de condições de atração e de formações identitárias que gravitam em torno deles. Os novos movimentos sociais possuem base nas afirmações identitárias e nas

condições de exercício destas. Woodward (2009) observa que a solidariedade política nesses grupos parte de uma afirmação de singularidade, o que pode ser traduzido em afirmações de caráter essencialista. Isso mostra o quanto é complexa a relação entre essência e contingência nas convocações identitárias cotidianas, em especial se tomadas a partir das representações construídas, e como opera a relação identidade/diferença em contextos específicos.

Ao tratar da terceira questão, a autora referencia a marcação da diferença aos sistemas simbólicos de representação e às formas de exclusão social. A identidade não é vista como oposto da diferença, mas sim como dependente da diferença, o que significa dizer que a diferença e a identidade constituem-se dialeticamente e posicionalmente. Esse jogo se dá dentro dos sistemas simbólicos:

Ser um membro de uma cultura ou de um “modo de vida”, em contraposição a simplesmente “manter-se vivo”, implica o conhecimento dos códigos locais de necessidades e coisas. Conhecendo e usando os códigos de consumo de minha cultura, reproduzo e demonstro minha participação numa determinada ordem social. Além disso, *represento* essa participação. Minha identidade enquanto membro de uma cultura é representada através da estrutura significativa de minhas ações sociais – o fato de que *faço coisas* deste jeito, e não daquele (Slater, 2002, p. 131. Grifos do autor.).

Ao tratarmos das identidades a partir dos códigos, situamos os indivíduos em estruturas que delimitam suas condições de vida. Para além da importância dos aspectos culturais, faz-se também necessário compreender como ações individuais desempenham um papel na constituição de identidades, como forma tanto de sobrepesar o balanço entre o social/coercitivo e o pessoal como de compreender como diferentes identidades emergem de um mesmo contexto sociocultural. Nesse sentido, as existências particulares podem ser compreendidas como projetos (Giddens, 2002; Velho, 1999, 2003), dotados de uma reflexividade, já que o agente empírico toma decisões e age conforme finalidades pré-determinadas. Esses projetos não são um fenômeno interno, subjetivo, mas são elaborados dentro de um campo de possibilidades, de circunscrição histórica e cultural, tanto a partir do que é feito pelo indivíduo quanto dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes em um dado contexto social (Velho, 1999).

A ideia de campos de possibilidades parte da fragmentação apontada por Woodward (1999) em relação à dissolução dos pilares que sustentavam identidades específicas no período moderno. Nesse contexto,

os indivíduos modernos nascem e vivem dentro de culturas e tradições particulares, como seus antepassados de todas as épocas e áreas geográficas. Mas, de um modo inédito, estão expostos, são afetados e vivenciam sistemas

de valores diferenciados e heterogêneos. Existe uma mobilidade material e simbólica sem precedentes em sua escala e extensão (Velho, 2003, p. 39)

Em uma condição social complexa, as identidades são constituídas a partir do que uma sociedade valoriza, mas também ao que se tem acesso. Trata-se de uma perspectiva que atravessa questões diversas, como gênero e classe, ao privilegiar a ação em detrimento de estruturas fixas e relações de determinação. O acesso a uma nova ferramenta, uma ideia, uma condição de aprendizado, por exemplo, tem a potencialidade de mudar os rumos de uma trajetória individual e, por consequência, sua identidade.

A última questão colocada pela autora é “por que investimos nas identidades?”. Nesta seção, delinea uma compreensão da constituição identitária a partir da formação da subjetividade. Construída em contexto social, subjetividade é abordada a partir de Freud, Lacan e Althusser e é vista como a compreensão que temos a respeito do nosso eu. A partir da psicanálise de Lacan, trata da linguagem enquanto elemento de significação como um divisor de águas na formação da criança, que a partir dela passa a internalizar visões exteriores sobre si própria. No processo, a criança se percebe como apartada da mãe (de quem se via como indivisível até então, de acordo com Lacan, em uma “união primitiva”), além de inserida em sistemas simbólicos mais amplos. No processo, desempenham papel importante a mãe, em seu papel relacionado à ordem biológica, e o pai, que representa a influência externa, separando a criança de suas fantasias, forçando que se ampare nos sistemas simbólicos e da linguagem.

É por meio desses sistemas simbólicos da linguagem que se dará dali em diante a formação identitária do sujeito, em narrativas construídas. É nessas narrativas em que é forjada uma cadeia “suturada” de significantes que garante certa coesão imaginária à real condição de fragmentação do indivíduo: a formação ideológica dá ao indivíduo acesso a uma série de aparelhos narrativos e convenções de caráter cultural que permitem a formulação de uma identidade relativamente estável ao longo do tempo (Eagleton, 1981).

Neste breve percurso a partir do rico texto de Woodward (1999), buscamos, sem sermos exaustivos, elencar elementos que pudessem ajudar a compreender as identidades a partir dos aplicativos para *smartphones* e como estes constituem campos de possibilidades em seus usos. Um primeiro aspecto observado se refere à dicotomia essencialismo/não-essencialismo a partir das convocações que as identidades recebem. Pensar aspectos essenciais e não-essenciais a partir de suas convocações diminui o peso das ontologias fundantes e insere os processos identitários nas condições de representação e no que

Woodward (1999) chama de “circuitos da cultura”. Temos, então, imagens que são formadas coletivamente acerca de um elemento identitário, como o “masculino” ou o “feminino”, por exemplo, e a partir desses códigos são feitos os julgamentos em termos de inclusão/exclusão. Trata-se de uma concepção que se aproxima do que Dubar (2009) chama de “nominalismo”, sem menosprezar a perspectiva essencialista que, se não é factível em termos de identidade, pode fundar discursos diversos.

Os discursos de caráter essencialista podem ser particularmente utilizados em um contexto como o atual, marcado por uma crise das identidades, com o intuito de legitimar a partir de posições relativamente estáveis em seus sentidos, em circunstância de colapso dos pilares históricos que sustentavam determinadas identidades. A emergência dos “novos movimentos sociais” traz a questão identitária para as disputas políticas mais amplas e, ao fazer reivindicações sobre a singularidade que une seus membros, mobiliza-se frequentemente aspectos ligados à essência.

Sobre a marcação das diferenças, Woodward (1999) se refere aos códigos constituintes dos sistemas simbólicos como bases para os processos cotidianos de inclusão/exclusão. A relação entre identidade e diferença não é tomada como oposição, mas complementariedade: a identidade existe por causa da diferença. Acrescentamos aos aspectos estruturais a questão dos projetos individuais (Giddens, 2002; Velho, 1999, 2003), que se desenvolvem em campos de possibilidades (Velho, 1999, 2003), que se ampliam a partir das significações a que se tem acesso – o que inclui um objeto de consumo, a partir de seus usos culturais. Esses projetos só existem à medida que podem ser comunicados (Velho, 1999), ou seja, se estruturam a partir de narrativas construídas cotidianamente.

Ao tratar da questão da subjetividade, a partir de uma perspectiva em que é construída socialmente, Woodward (1999) ressalta o papel da psicanálise, em especial a Lacaniana, como chave de compreensão para a formação das identidades. A relação da criança com núcleo familiar, em especial a relação de unidade com a mãe cuja ruptura é associada ao papel do pai, constitui uma explicação sobre quando as identidades passam a ser constituídas por se tornarem necessárias para a autocompreensão. A partir de Eagleton (1981), frisamos que esse processo de constituição de si está imbricado diretamente com o uso da linguagem no uso de narrativas.

Aplicativos, identidades e campos de possibilidades em “Marlon”

Para discutir a constituição identitária enquanto campos de possibilidades, em articulação com os usos de aplicativos para *smartphones*, faremos uso de uma representação midiática como referente empírico. Serão analisadas as narrativas pertinentes ao objeto de estudo deste artigo, constituídas em um episódio de série televisiva de audiência massiva, buscando encontrar pontos de contato que evidenciem as articulações ora propostas. As narrativas a serem analisadas serão extraídas do episódio “Conduzindo Miss Marley”, integrante da segunda temporada do seriado “Marlon”.

A série “Marlon” é uma produção norte-americana que estreou em agosto de 2017 na televisão. Nos Estados Unidos, o seriado é exibido pelo canal NBC, enquanto no Brasil a exclusividade é da Netflix. “Marlon” é uma *sitcom*, ou uma “comédia de situação”, gênero que normalmente conta com os mesmos personagens, envolvidos em circunstâncias diversas ao longo da narrativa seriada. Neste caso, a série tem como personagem principal Marlon Wayne (Marlon Wayans), que convive diariamente com sua ex-esposa Ashley Wayne (Essence Atkins). Além do (ex) casal, completam a trama os filhos Marley Wayne (Notlim Taylor) e Zack Wayne (Amir O'Neil), além de Yvette (Bresha Webb), melhor amiga de Ashley, e Stevie (Diallo Riddle), amigo desempregado de Marlon que mora de favor em sua casa.

O episódio analisado foi o oitavo da segunda temporada do seriado na sequência de exibição da NBC nos Estados Unidos, e o quinto na ordem da Netflix do Brasil. O título “Conduzindo Miss Marley” é uma alusão clara ao longa-metragem “Conduzindo Miss Daisy” e foi escolhido em função da temática que o guia: a partir dos usos que as personagens fazem do Uber, a narrativa toca em questões afeitas às condições de sociabilidade e aos campos de possibilidades na constituição de identidades.

O Uber é um aplicativo para *smartphones* voltado para o transporte. Ele conecta passageiros a motoristas independentes disponíveis na região e usuários do mesmo aplicativo. O passageiro abre o aplicativo e checka a disponibilidade de motoristas e o preço da corrida para o destino informado, podendo solicitar o transporte. Razões como tarifas a preços competitivos e a disponibilidade de motoristas próximos fizeram com que o Uber se popularizasse. O Uber é um exemplo do modelo de funcionamento de serviços via aplicativo descrito por Bratton (2014): uma empresa reduzida ao máximo, que opera a relação entre indivíduos em servidores ligados à internet e colocados em quaisquer pontos do globo.

A série “Marlon”, ao buscar representar situações cotidianas de seus expectadores, traz por diversos momentos os *smartphones*, seja no uso que é feito pelas personagens como em sua abertura. Cada episódio é iniciado por uma fala solo de Marlon, para uma câmera que ele segura e aponta para sua face, simulando uma filmagem *selfie*, aquela que geralmente utiliza uma câmera embutida na parte frontal do aparelho e que permite que o usuário assista a si próprio na tela enquanto grava ou fotografa. O episódio analisado começa com Marlon falando sobre “ritos de passagem”. Após citar um exemplo de seu primeiro beijo, Marlon garante: “[...] Mas o maior rito de passagem é... Bam! A licença para dirigir. Muita gente estava nervosa, mas eu não. Comi donuts do lado de fora do Dunkin’ Donuts, encarando um policial que estava comendo donuts, porque eu não tenho medo.”⁶ Nessa sequência inicial, pode-se notar o valor atribuído por Marlon à permissão para dirigir, ao classificá-la como um “rito de passagem”. A licença em questão permite ao seu adquirente assumir uma nova característica identitária, a do motorista, sustentada nessa condição pelo documento legal. É preciso, porém, compreender quais são os sentidos atribuídos à possibilidade de dirigir para a personagem Marlon.

Na sequência seguinte, após a abertura do, inicia-se uma sequência no local em que é ambientada a casa de Marlon, envolvendo inicialmente as personagens Ashley e Yvette. Esta última começa lamentando sobre um infortúnio que a atinge: a baixa pontuação obtida na avaliação de passageiros do Uber. A cada viagem, passageiros e motoristas tem a possibilidade de avaliar uns aos outros, em uma escala que vai de um a cinco pontos, e uma média é exibida na tela do aplicativo de cada usuário. No caso de Yvette, sua pontuação de 2,2 a incomoda e isso se associa aos usos feitos do aplicativo: o sistema de pontuação produz convocações identitárias, por meio de uma ferramenta que tem, sobretudo, a função de garantir que o sistema se autocorrija, por meio da eliminação das más práticas e, portanto, permita a perpetuação do negócio. Como coloca Woodward (2009), os discursos e os sistemas de representação constroem lugares de posicionamento e de fala. Yvette não sabe o porquê de ser tão mal avaliada e isso provoca a angústia de se tornar uma pessoa malquista, dado o fato de que um número antecede seus atos, criando uma representação simplificadora de si.

Ainda na mesma sequência, Marlon adentra o recinto. Ashley anuncia que tem que levar Marley e uma amiga a um evento e que precisa que Marlon leve Zack à casa de um

⁶ Tradução própria. Fala original: “But the biggest rite of passage is... Bam! License to drive. See, most people were nervous. Not me. I did donuts outside of Dunkin Donuts in front of a cop that was eating donuts, 'cause I'm fearless.”

amigo. Marlon se nega, dizendo que vai a um show com Stevie, mas aproveita para questionar: por que Ashley ainda leva Marley aos lugares, se ela já possui 16 anos e, portanto, pode obter uma licença para dirigir? Ashley pondera, dizendo que Marley pode, mas não está interessada ainda em dirigir. Stevie entra na conversa: “Marley não está sozinha: sua geração sente menos urgência em dirigir. Eles não anseiam por independência como nós fazíamos.”⁷ A fala de Stevie traz a primeira representação da condição de motorista, de que Marlon fala na abertura do episódio: a liberdade de ir e vir percorrendo longas distâncias, dirigindo um carro. Trata-se de uma das condições atingidas após o dito “rito de passagem”, uma convocação identitária essencialista, sustentada por uma permissão fornecida pelo Estado.

Após breve discussão sobre o assunto, Marley entra em cena, sendo recebida por Marlon com as palavras de ordem: “Marley, é hora de conseguir sua licença. Amanhã, no carro com papai, as lições começam.”⁸ Nisso, Marley questiona: “Por que preciso dirigir? Tenho mamãe e o Uber.”⁹ A fala de Marley mostra que o contato e o uso do Uber a insere em novo campo de possibilidades. A partir do aplicativo é possível dispensar a condição identitária de motorista, em que se desenha um conflito de significações entre gerações, já que seu pai e amigo veem o ato de dirigir como uma liberdade. Marley pode construir narrativas que justifiquem o uso do Uber e o fato de não dirigir, como por exemplo a segurança e os custos envolvidos. A possibilidade de substituir um carro próprio pelo Uber só existe em função das funcionalidades trazidas nos *smartphones* e que são mobilizadas cotidianamente, como a mobilidade, o GPS que permite o contato com motoristas onde se estiver, ou a segurança trazida pelo sistema, que pode acompanhar desvios de rota, por exemplo. Os aplicativos, portanto, em seus usos, podem contribuir para novas condições identitárias, ao abrir campos de possibilidades.

Em outro momento do episódio, Yvette e Stevie saem para duas voltas de Uber. Stevie é avaliado com 5.0 no aplicativo, a nota máxima, e Yvette quer entender como ele conseguiu tal proeza. Acordam que, na primeira corrida, Stevie observará as atitudes de Yvette, buscando compreender o porquê de ser tão mal avaliada; em uma outra corrida, Stevie demonstrará sua técnica para se manter com a pontuação máxima. Na primeira volta, o comportamento de Yvette é extremamente demandante, solicitando e alertando o motorista

⁷ Tradução livre. Fala original: “You know, Marley's not alone. Her generation feels less urgency to drive. They don't crave Independence the way we did.”

⁸ Tradução própria. Fala original: “Marley, it's time you get your license. Tomorrow, in the car with Daddy, lessons begin.”

⁹ Tradução livre. Fala original: “Why do I need to drive? I have Mommy and Uber.”

em diversas formas – essa conduta, tida como invasiva, é claramente narrada como o motivo de sua pontuação baixa. Na segunda corrida, a estratégia de Stevie para se manter com seus 5.0 é revelada: ficar calado e parado. Passageiro e motorista são pessoas vinculadas pelo Uber de forma transitória e efêmera, o que dificulta a criação de uma ligação mais forte. Pessoas se conhecem e se distanciam no espaço de minutos. Nessa dinâmica, a escolha de Stevie para evitar conflitos que venham a macular sua pontuação é a anulação do máximo de características pessoais. As circunstâncias criadas nos usos dos aplicativos apontam para novas convocações identitárias, com os usuários devendo ser responsivos em relação aos desafios técnicos que são colocados.

Em uma sequência adiante, Marley retorna para casa com Ashley, após ter não ter passado no teste escrito para a prova de motorista. Após pressionada, a garota admite que falhou propositalmente, e que o motivo de não querer dirigir é o medo e reafirma que não pretende se tornar uma motorista. Após a saída de Marley de cena, Marlon pressiona Ashley e ouve a confissão de que ela, na verdade, gosta de levar a filha aos lugares. A ex-esposa de Marlon argumenta que chegaram ao fim algumas fases: a da amamentação, de dar banho e pentear o cabelo. Os momentos no carro seriam os únicos que ainda restam entre elas. A narrativa se aproxima do que Woodward traz sobre a formação da subjetividade em Lacan, exceto pela idade de Marley: o a mãe buscando manter uma relação próxima com a filha, de unidade, e o pai forçando a ida para o “mundo”, para a construção de si nos terrenos da linguagem e da cultura. Nesse caso, equivale a essa passagem a prática da direção.

Em um trato com o pai, ambos se propõem a resolverem enfrentar seus medos: enquanto o pai vai a uma loja de animais com a família para acariciar um cachorro, do que tem pavor, e Marley se compromete a passar na prova de direção. Após a obtenção da permissão para dirigir, Marley cede e vai buscar uma amiga para irem juntas a um evento. Marley acabou abraçando a condição de motorista, mas muitas pessoas podem não vir fazendo o mesmo e mantendo-se fiéis ao Uber, por exemplo: as possibilidades estão abertas, seus usos dependem de projetos.

Considerações finais

A popularidade dos *smartphones* pode ser atribuída, pelo menos em parte, às diversas funcionalidades técnicas que esses dispositivos concentram e aos aplicativos que podem ser utilizados e dão características pessoais a cada aparelho. Essas funcionalidades e aplicativos colocam-se em condição de devir: seus usos são sempre possíveis, dependendo de interesse e

acesso do usuário. Ao agregar novas condições técnicas, também apontam para outras possibilidades de uso e, portanto, novas formas de experienciar o cotidiano. A condição de personalização desses aparelhos, por meio de aplicativos, os torna ferramentas às quais pode-se recorrer em uma variedade de circunstâncias cotidianas.

Como observado no episódio analisado de “Marlon”, os aplicativos podem desempenhar diferentes funções na dinâmica social, conforme circunstâncias. A adoção do Uber como forma de transporte pode ser utilizada discursivamente para driblar convocações de caráter essencialista, como é o caso da insistência de que Marley passasse a dirigir em nome de uma suposta liberdade. Trata-se da possibilidade de subverter representações arraigadas, como essa, ligada na narrativa do episódio à geração de Marlon sobre o ato de dirigir.

Em outra perspectiva, os aplicativos colocam novos desafios para as identidades, como no caso das pontuações de Yvette e Stevie no aplicativo Uber. A espontaneidade de Yvette leva-a a uma má avaliação em uma condição de vinculação social tênue, enquanto Stevie logra boa reputação mantendo-se o mais inerte possível. Em uma condição de globalização, o que se observa é uma necessidade de arazoamento identitário, com a supressão de características face aos julgamentos possíveis, em condições de troca mediadas pela tecnologia. Em todos esses casos, a partir das práticas cotidianas, as identidades são constituídas em moto perpétuo, a partir das possibilidades às quais se tem acesso.

Referências

- Agar, Jon (2013). **Constant touch**: a global history of the mobile phone. Online PDF: Icon Books Ltd.
- Akker, Robin van den (2015). Walking in the hybrid city: from micro-coordination to chance orchestration. In: Adriana de Souza e Silva; Mimi Sheller (Edit.). **Mobile communication in hybrid spaces** (pp. 33-47).
- Baccega, Maria A (2009). Inter-relações comunicação e consumo na trama cultural: o papel do sujeito ativo. In: Gisela Castro; Marcia P. Tondato (Edit.). **Caleidoscópio midiático**: o consumo pelo prisma da comunicação (pp. 4-20). São Paulo: ESPM/RS Press.
- Bratton, Benjamin H. (2014). On Apps and Elementary Forms of Interfacial Life: Object, Image, Superimposition. In: Paul D. Miller; Svitlana Matviyenko (Edit). **The imaginary app** (pp. 3-16). Cambridge (Massachusetts, USA); London (England): The MIT Press, 2014.
- de Souza e Silva, A. (2006). From cyber to hybrid: Mobile technologies as interfaces of hybrid spaces. **Space & Culture**, 9 (3), pp. 261-278.
- de Souza e Silva, A. (2013). Location-aware mobile technologies: Historical, social and spatial approaches. **Mobile Media & Communication**, 1(1), pp. 116–121.
- Donner, Jonathan. (2017). Global South. In Adriana de Souza e Silva, **Dialogues on Mobile Communication** (pp. 189-208). Nova Iorque: Routledge.
- Dubar, Claude (2009). **A crise das identidades**: a interpretação de uma mutação. São Paulo: Edusp.
- EAGLETON, Terry (1981). **Walter Benjamin, or, Towards a revolutionary criticism**. Londres: Verso e NLB.
- Giddens, Anthony (2002). **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- GPS.GOV (2018). **Selective Availability**. <https://www.gps.gov/systems/gps/modernization/sa/> (acessado em 01 de outubro de 2018).
- Hall, Stuart (2000). Quem precisa da identidade? In: Tomaz Tadeu da Silva (Edit. e Trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** (pp. 103-133). Petrópolis (RJ): Vozes.
- ITU (2017). **Measuring the Information Society Report 2017**, vol. 1. <https://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Pages/publications/mis2017.aspx> (acessado em 15 de Setembro de 2017).
- Levinson, Paul. (2007). The little big blender. In: Anandam Kavoori; Noah Arceneaux. **The cell phone reader: essays in social transformation** (pp. 9-17). Nova Iorque: Peter Lang Publishing.
- SLATER, Don (2002). **Cultura do consumo & modernidade**. São Paulo: Nobel.
- Theoharidou, Marianthi; Mylonas, Alexios; Gritzalis, Dimitris (2012). **A Risk Assessment Method for Smartphones**. Artigo apresentado na 27th Information Security and Privacy Conference (SEC), Creta, Grécia, 2011. Springer, IFIP Advances in Information and Communication Technology, AICT-376, Information Security and Privacy Research, 2012. pp.443-456.
- VELHO, Gilberto (1999). **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- VELHO, Gilberto (2003). **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Woodward, Kathryn (1999). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Tomaz Tadeu da Silva (Edit. e Trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** (pp. 7-72). Petrópolis (RJ): Vozes.